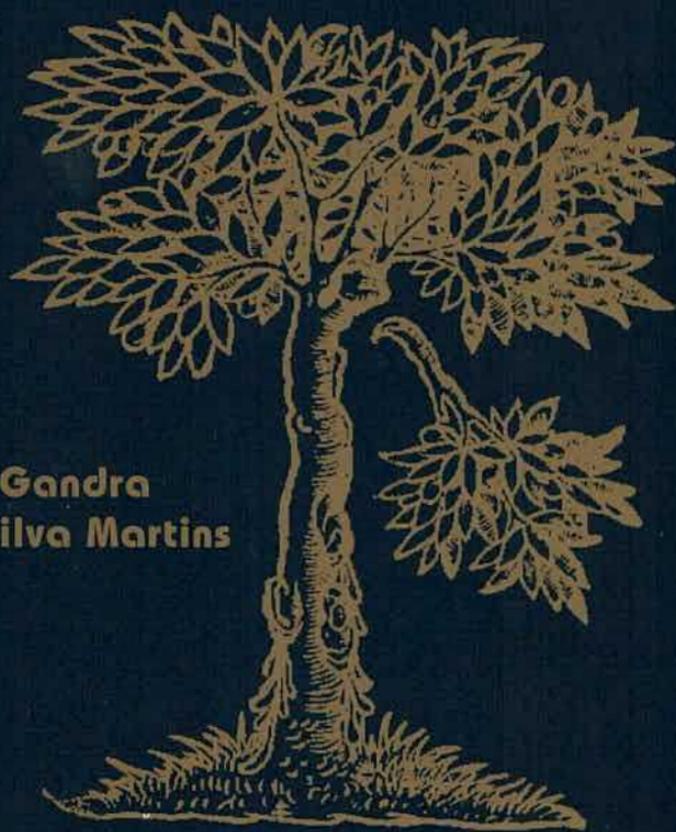


PRETÉRITO IMPERFEITO

Ives Gandra
da Silva Martins



Pay S

PRETÉRITO IMPERFEITO

Ives gandra da silva martins
da
Academia Paulista de Letras

PRETÉRITO IMPERFEITO



Copyright © 1997 by Ives Gandra da Silva Martins

1997

Pax & Spes

Produção da

EDITORA GIORDANO

Caixa Postal 19022

04505-970 — São Paulo — SP

Fone/Fax: (011) 829 9369

S U M Á R I O

A LENDA DO COMEÇO APÓS	
I	11
II	13
III	15
SONETO DE MEU RETORNO	17
FERNANDA E REGINA	19
1996.....	21
FÉRIAS	23
PONTOS TEMPORAIS	25
CAVALEIRO	27
DOMINGO À NOITE	29
PISCINA	31
MEU LAÇO	33
SEM ESCOLTA	35
SERENAMENTE	37
DOMINGO PELA MANHÃ	39
DEVAGAR	41
RUTH	43
RUTH	45
VELHOS	47
VERSO	49
MITO DESFEITO	51
BUSCA DE SENTIDO	53
INSPIRAÇÃO	55
MINHA MÃE DE DEUS	57

MEU VERSO	59
MEU CANTO	61
SONO	63
RETORNO	65

PRETÉRITO IMPERFEITO

A LENDA DO COMEÇO APÓS

I

Eu sou aquele que nasceu do sempre,
Correndo terras e rasgando ventres,
Descortinando auroras cor de sangue.
Eu sou aquele que buscou o eterno,
Furtando sonhos e beirando o inferno,
Tombado, pálido e restando exangue.

Meu nome foi coberto de impropérios,
Minh'alma d'illusão fez-se em mistérios
E tudo descobriu de uma só vez.
Cenários se alongaram pela estrada,
Que cobri, arrastando a dura espada,
De têmpera qu'igual ninguém já fez.

Eu sou aquele que enfrentou o mundo,
Que desventrou o abismo mais profundo,
Em silêncio translúcido de espaço.
Eu sou aquele que feriu a lenda,
Olhos cobertos sem nenhuma venda,
Que a vida corrigiu no próprio passo.

Assim eu descobri, todos meus versos,
No cinza das tormentas sempre imersas
Entre a sombra do tempo em vendavais

E nisto se resume a história inteira,
Daquele que seguiu a louca esteira,
Pelos mares dos campos siderais.

II

Até que um dia
O começo após
Chegou.
Abstração absoluta,
Sem reino e sem jardim.

Penetrou as sangrias desoladas,
Vestidas no azul
Dos despenhadeiros
E recobriu de sol e de sereno
As soluções marítimas
Do céu,
Nos espaços das naves peregrinas.

O silêncio sepulcrico e sidéreo
Hospedou a essência do Infinito,
Despencado da imensidão do sempre
Para a franquia aberta do Universo.

O Infinito mostrou-se final,
Cristalizado átomo instântaneo,
Para em seguida crescer,
Descomunal,
Abrindo pelo cosmos sem fronteiras
A estrada do começo após.

III

O jardim dos impossíveis
Foi descoberto sem véu,
E o cavaleiro por níveis
Cavalgou o seu corcel.

Entrou com asas na espada
E com luares no escudo,
Sonhava ver sua fada
Vestida em puro veludo.

Era um valente menino,
Por seu saber já maduro,
Afastando o desatino,
Como o claro afasta o escuro.

Cavalgava o seu cavalo,
Por alamedas cobertas
E ao vê-lo meu verso calo,
Sendo as areias desertas.

Cavalgava o mundo inteiro,
Menor que a própria ambição
E descobria o roteiro,
Que não procurara em vão.

Cavalgava o cavaleiro,
Tendo a cabeça no espaço,
Peregrino e não romeiro,
Nos caminhos de seu passo.

Cavalgava o etéreo abismo
Por sobre sombras e sonhos,
A mente envolta em lirismo,
O corpo em choques medonhos.

Cavalgava em seu jardim.
Nascido dos impossíveis,
Na busca do próprio fim,
Cavaleiro dos desníveis.

E cavalgando a aventura,
Criou o próprio Universo,
Esfacelando a amargura
Na cavalgada do verso.

E fez a lenda do tempo
Por ter caminhado a sós,
Rompendo a linha do vento,
Gerando o começo após.

SONETO DE MEU RETORNO

De depois de tanto tempo desligado
Das torturas silentes de meu verso,
Ao torno volto, o coração disperso,
Rubro, ofegante e semi-encabulado.

As saudades dos tempos de eu-menino
Dilaceram-me o peito já maduro,
Que dantes albergara de inquilino
Meu estro, maltrapilho, rude e puro.

Desconcertado, volto como outrora,
Amando quem amara e a consequência,
Na esperança senil de nova aurora,
Apesar do talento ser falência.

O meu verso, porém, corre feliz
No desfeito jardim, que sempre quis.

FERNANDA E REGINA

Louvo a menina dos cabelos douro
 De olhar profundo como não existe,
 Da Espanha traz o seu encanto mouro
 E o tom, às vezes ledó e às vezes triste.

De Tio me chama se de bom humor,
 Se não se cala, mas, calada, fala.
 O seu sorriso tem variada cor,
 Que das tintas percorre toda a escala.

De minha filha é carinhosa amiga,
 A minha filha a quem adoro tanto.
 Às duas ofereço esta cantiga
 Plena de amor e pálida de espanto.

Regina, cujo embalo é de ciranda,
 O mesmo embalo próprio de Fernanda.

1996

Um ano a mais tributa meu cansaço,
Tributo que mais quero que a anistia.
É que conheço um pouco deste espaço
E desconheço aquele d'outra via.

A luta que travei só valeria,
Num panorama posto noutro passo,
Capaz de vislumbrar no fim do dia
Um novo dia, intemporal e escasso.

A certeza, desfeita a dimensão,
Na incerteza de tê-la conquistado,
Faz-me aceitar a estranha imposição

E a esperança de vê-la do meu lado,
Retirando da lide o esforço vão
No cumprimento eterno deste fado.

FÉRIAS

Muitos pensam que o descanso
 É buscar outros países,
 Pensando assim demonstrar
 Importância e bom saber.

Pensar no que os outros pensam
 É meta de muita gente.
 Bem julgam viver, na vida,
 A vida que os outros julgam
 De longe, a melhor das vidas.

Viver a vida que é própria
 Sem busca de glória vã
 ou do poder inconstante
 E o que ser certo parece
 Fazer no tempo que é certo,

Isto sim é que distingue
 Quem nasceu a ser alguém
 Daquele pobre ninguém
 Por mais alguém que pareça.

Trabalhar o bom trabalho
 Para servir

E descansar se o descanso
É retempero,
Mas nunca pensar sequer
Que algum valor
Decorra desse viver,
Eis o saber,
Pois o valor é de Deus
E de quem nEle
Sua fé depositar.

PONTOS TEMPORAIS

O vespeiro de estrelas descortina
A imensidão do espaço sideral,
Cujo segredo em pontas de platina
Resta silente, frio e natural.

O firmamento busco desde a infância
Imaginando sonhos e quimeras,
Que deixam na memória sem vacância
Pelo tempo que forma todas eras.

O que sou no universo sem limite?
Limitado ao extremo, quedo pasmo.
Não me irrita, mas há quem não se irrite
Perante o negro e celestial marasmo?

Uns pontos temporais na imensidão
É o que os seres humanos sempre são.

CAVALEIRO

Para Ruth

Cavaleiro do tempo desfeito,
Meu cavalo cavalga no espaço,
Tendo a sela enterrada no peito
E eu a amada levando no braço.

Cavaleiro de um reino sem rei,
Nunca sei o que valho no reino,
Sei apenas que é reino sem lei
Onde a glória se faz no destreino.

Cavaleiro da aurora perdida,
A princesa que eu amo desperta
Muitas vezes seu sonho de vida,
Num reinado de areia deserta.

Cavaleiro da história passada,
Levo a espada no peito cravada.

DOMINGO À NOITE

Para Ruth

Do meu escritório à noite,
 Vislumbro
 Prédios apenas.
 Luzes parcas nas janelas
 Não desfazem
 Escuridão.

Quantas vezes me pergunto
 Qual o drama
 Que se esconde
 Por trás da noite e do escuro.
 Todos sabem
 Que ele existe
 Mas defini-lo não há de
 Quem consiga.
 Não consigo.

Olho o negro das janelas,
 Uma pintura doente
 De Klee desfeito na vida
 Pela morte,
 Antes da morte.

Muito negror.
 Tudo denso.

Meu consolo neste quadro
É que a luz
De meu recanto
Tem o calor que puseste
No teu amor sem descanso.

SP. 11/02/96.

PISCINA

Da varanda sem chuva,
 Desvendo a chuva de fora,
 Impertinente,
 Ora forte,
 Ora frágil,
 Mas sempre chuva da tarde.

A piscina iluminada
 Recebe as gotas, tremendo,
 Numa pele
 Arrepiada
 De enredos feitos d'água.

É tarde-noite
 De um verão atimidado.

Apesar da tempestade,
 Irei sozinho à piscina,
 Pois o tempo de verão,
 Por ser tecido de vida,
 É curto.

MEU LAÇO

Para Ruth

O punhal trespassou o som da morte
 E o sangue azul venceu o intemporal,
 Não há quem nesta vida a vida corte
 Após a solução de um mar sem sal.

Abismei-me na escada sem ter fundo
 E a descida infinita criou rios,
 Que escorreram do tempo pelo mundo
 Desfazendo no espaço seus desvios.

Cavalei pelos montes da planície
 Descortinando sombras no deserto.
 Descubri as palavras que não disse
 No sidéreo distante de mim perto.

O soneto que faço e que refaço
 Não deslaça, nem laça este meu laço.

SEM ESCOLTA

Volto sempre à mesma volta,
À mesma volta de sempre,
Que gera pouca revolta,
Quando o mundo se põe entre.

Não sei no tempo que escoo,
Quanto tempo eu inda tenho.
A cor da idade destoa
O tom do lugar que venho.

No meu restrito infinito,
Vejo o Universo apertado.
Transcendo a noite do mito
E fico, calmo, a seu lado.

Volto sempre à mesma volta,
Sem talento e sem escolta.

SERENAMENTE

O momento contínuo faz-se agora,
 Intempestivamente. Sobra pouco.
 Debruça-se no mar a voz de outrora,
 Cerúleo encontro vagamente louco.

Não sei a quem na vida a vida escora,
 Nem sei porque meu grito é sempre
 rouco.
 Só sei que deixo tudo e vou-me embora
 Ao mundo retornando, ouvido mouco.

A saudade pretérita desfaz-se.
 A verdade presente dilacera.
 Por mais que meu outono eu o trespassse,

Já não enxergo mais a primavera.
 A vida se transforma em claro impasse
 Neste encurtar do tempo sem espera.

DOMINGO PELA MANHÃ

O vento acaricia as árvores do jardim,
 Neste domingo no campo.
 Às vezes sua carícia é mais forte
 E faz nascer
 A dúvida
 Se deseja punir a não resposta
 Das árvores plantadas
 Harmonicamente,
 Na minha casa de campo.

Até mesmo o vento leve
 Traz alguma inquietude,
 Pois que a paisagem é mais bela
 Se, parada no Universo,
 Restar sem vento e sem brisa.

Muitas vezes, descortino
 Ventanias, ventos, brisas
 Em minha alma interdita.
 E passam por cima dela
 Sem penetrar no segredo
 Que a sustenta
 Há tanto tempo.

Só Deus conhece a razão,
Só Deus aponta nos céus,
com seu cortejo de santos
para apoiar meu desgaste.

Sabe Deus que as ventanias
Eu as posso suportar,
Mas vendo o castelo fraco,
Não me manda temporais.

Jaguariúna, 09/06/96.

DEVAGAR

Às vezes, eu me pergunto
Por que quero versejar,
Se nem sempre tenho assunto
Na inspiração devagar.

Muitos julgam o meu verso
Mais triste do que aparento
Eu sinto a dor do Universo
Quando meu canto eu invento.

Sobre meu estro passado
Às vezes eu me questiono.
Vejo sombras de meu lado
Até que pendo de sono.

Eu ouço um grito no escuro,
Sem presente e sem futuro.

RUTH

Noite externa no espaço, negra e fria,
 Motores da aeronave roncavam fortes.
 A tua imagem vaga em sesmaria
 Desfaz meus parques versos mal de cortes.

O silêncio de fora sem barulho.
 O silêncio de dentro barulhento.
 No coração, eu sinto este murmúrio
 De um vendaval terrível, mas sem vento.

Na vida, vou trilhando tal rotina,
 Contigo sempre ao lado, sempre minha,
 Nem mesmo o tempo atinge o ar de menina
 Que te faz fruto eterno em minha vinha.

Há quantos anos eu te quero tanto,
 Prisioneiro de teu sereno encanto.

RUTH

O teu encanto sereno,
A tua vida fiel,
O teu sorriso moreno
Em teus lábios cor de mel.

O teu olhar costumeiro,
O teu jeito tão distante,
O teu suspiro fagueiro
Que me torna mais amante.

O teu destino refeito,
O teu silêncio de sempre,
Que me dilacera o peito
Neste toque diferente.

Permitem-me que desfrute
O teu amor, doce Ruth.

VELHOS

Nos tempos modernos,
 O velho perece.
 Não há reconhecimento possível,
 Num mundo sem sonho,
 Pelos feitos pretéritos.

Todos lutam na busca de um espaço,
 Um espaço apertado,
 Sem horizontes,
 Muitas vezes fétido
 E desconfortável.

O velho, porém,
 Nesta luta é afastado
 E fica sem espaço.

Espaço é feito para jovens
 Que se tornarão,
 Um dia,
 Velhos sem espaço.

Nos tempos modernos,
O velho perece
Sem família, sem apoio, sem ninguém.

E há cada vez mais velhos
E os velhos são cada vez mais velhos.

28/07/96

VERSO

Infecundo sabor da madureza.
 São passos retornados no caminho.
 A distância desfaz-se sem beleza,
 Quando eu a vejo, pálido e sozinho.

A finitude sempre teve início,
 Início que não sente o fim de tudo.
 O tempo faz, porém, o precipício
 Perante o qual não há seguro escudo.

A revolta silente gera o resto.
 O passado que foi desaparece
 E o futuro não cria um novo gesto
 Capaz de germinar florida messe.

O toque decomposto fica imerso
 No pobre desconsole de meu verso.

MITO DESFEITO

Mundo distante,
Vida presente.
Um passo avante,
Um passo a frente.
Duro momento,
Que não desminto.
Tempo sem vento
Tempo distinto.
Sou quem eu sou.
És quem tu és.
Mal aflorou
Ponta dos pés.
Há quem desate
Tanta tormenta.
Triste acicate
Na rima lenta.
Fim do poema
Fim infinito.
Resta a verbena,
Desfeito o mito.

BUSCA DE SENTIDO

A insensatez da névoa tem recanto.
 O descanso do ser faz-se infinito.
 O panorama novo causa espanto
 E gera no retorno estranho rito.

Os passos descortinam sempre o mesmo.
 As críticas mantêm a luz acesa,
 Embora perambule em sonho esmo,
 Na batalha que travo, por defesa.

Quem disse ser os bardos fingidores
 Os versos bem conhece, não os bardos.
 As mudas correm soltas, mas sem cores
 E os brancos-negros tornam-se mais pardos.

O que fazer da busca de sentido
 Bradando, todo o dia, em meu ouvido?

INSPIRAÇÃO

Fim do domingo.
Começo da noite.
Nada me vem à cabeça
Para um poema.
A disciplina multiplica
Os versos, toda a semana,
Mas não
Multiplica
A inspiração.
Fim do domingo,
Começo da noite,
Onde está a inspiração?

MINHA MÃE DE DEUS

*Sobre uma imagem de Nossa Senhora
ofertada por Adriano Fidalgo dos Reis.*

Há muito tempo que eu não te componho
Uns versos, Mãe de Deus e também minha.
Descortinam-se as névoas pelo sonho
E descobró a verdade que não tinha.

Desvendo em teu silêncio encantador
A palavra que busco de menino.
Tiveste em teu regaço o meu Senhor
E do mundo fizeste o bom destino.

Em tuas mãos coloco minha vida,
Meu trabalho, a mulher, todos meus filhos,
Tranquilo, pois tu és desde a partida
A guia que me leva pelos trilhos.

Amo-te, minha Mãe do Amor Eterno
Quando vejo chegar o meu inverno.

MEU VERSO

Para Ruth

Meu verso é o pobre sopro derradeiro
 Do que resta de minha fantasia.
 Foi, no espaço, colheita e foi celeiro
 Da verdade que nunca me fugia.

Inspirado na sombra de meu dia,
 Tornava-se, na noite, canto inteiro,
 Um tempo que parava e não corria,
 Astro estancado em sideral vespeiro.

Meu verso, inda, sussura o som primeiro,
 Que mal desvenda a permanente via,
 Fazendo-se, na estrada, o caminheiro,

Roto, desfeito, trêmulo e sem guia,
 Que procura seu sopro derradeiro
 No que resta de minha fantasia.

MEU CANTO

Para Ruth

Meu canto te enaltece, doce amor,
 Amor que Deus me deu na eternidade,
 Que ao frio mais intenso dá calor
 E que não diminui, malgrado a idade.

Meu canto canta a prole que me deste,
 Como a razão de ser do meu trabalho,
 Levaste-me a chegar perto do Mestre
 E perceber o quanto agora eu valho.

Meu canto tem a forma de teus olhos,
 O sorriso que alegra minha vida,
 Ultrapassando os naturais escolhos,
 Que a todos acompanham pela lida.

Meu canto, para ti e para mim,
 É o sonho que plantaste em meu jardim.

SONO

O sono desdobrou-se por inteiro,
O navegante etéreo desvendando
Um caminho composto em travesseiro
Para um futuro aberto e sem comando.

O sonho fez-se mudo, de repente,
E o presente, que é fruto do passado,
Desnudou-se num toque diferente
Sobre o tempo no espaço debruçado.

Argonautas das sombras tinham vida,
Amazonas das cores viam fontes,
Correndo pelas margens da descida,
Na descida que sobe pelos montes.

O sonho nunca dura uma existência,
Por mais que o sono faça resistência.

RETORNO

Retorno ao verso.
 Há muito que não versejo.
 Cansado, sem vigor,
 Meu estro naufraga
 no absolutismo do nada.

As pontes despencaram na amplidão.
 Solitárias.
 Nada fiz para ampará-las.
 O caminho viu-se curto
 Sem horizontes d'outro lado.

Quanta paisagem busquei sem ter sossego.
 Quanta? Não sei.
 O cenário desfaz-se por inteiro.
 No noturno do tempo.

O noturno conhece a paisagem?
 Quem sabe?
 Se conhece, seu destino é encobri-la
 Aos olhos do poeta,
 Que imagina a sua paisagem,
 Diversa, bem diversa
 Daquela que nasceu para ficar.

As naves pelo espaço mal desvendam
 O inóspito.
 A rudeza dos minérios valem gritos

Dos que descobrem

Que o Universo é frio e oco.

Nem mesmo a poesia

pode aquecê-lo,

Até porque

nasceu antes que os poetas

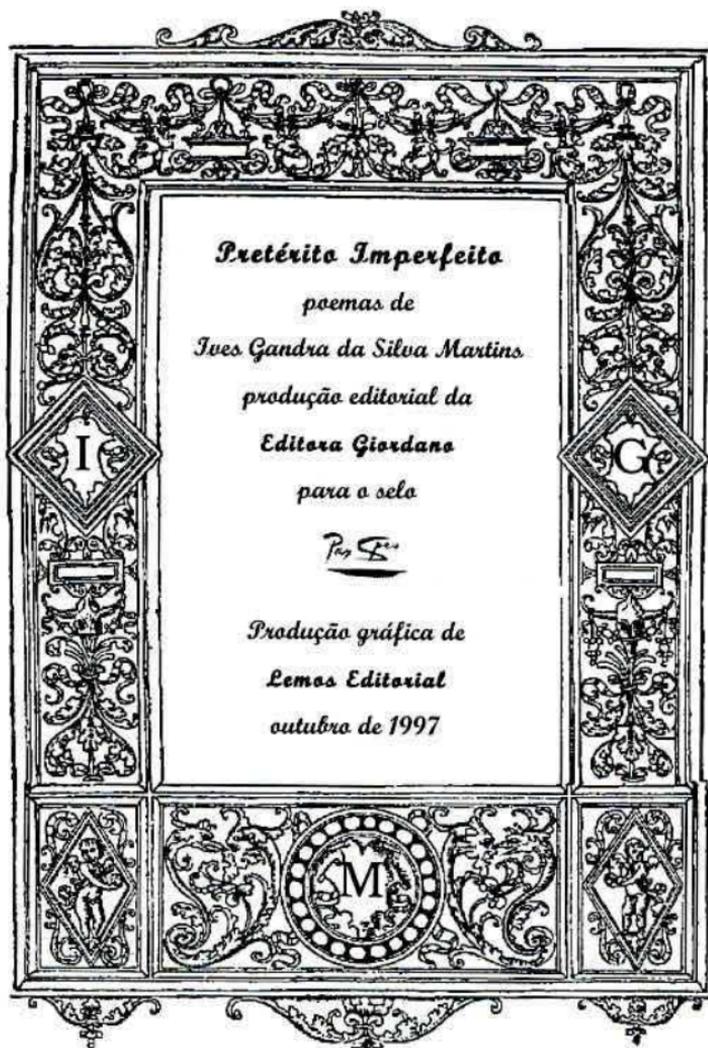
E continuará depois da poesia.

O retorno ao verso é complicado,

mas retorno

Esquálido e teimoso,

O futuro passando a ser passado.



Prétérito Imperfeito

poemas de

Ives Gandra da Silva Martins

produção editorial da

Editora Giordano

para o selo

P. S.

Produção gráfica de

Lemos Editorial

outubro de 1997

